

REENCONTRO
literatura

William Shakespeare

**Muito barulho
por nada**

Tradução e adaptação em português de
Leonardo Chianca

Ilustrações de
Cecília Iwashita



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editor

Ângelo Alexandref Stefanovits

Assistente editorial
Dulce Seabra

Preparadora
Ana Paula Munhoz Figueiredo

Revisoras
Andréa Vidal de Miranda,
Roberta Vaiano e
Nair Hitomi Kayo

Coordenadora de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Diagramadora
Carla Almeida Freire

Programador visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
São Paulo – SP – CEP 05425-902
Atendimento ao cliente:
(0xx11) 4003-3061
www.aticascipione.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

2018

ISBN 978-85-262-8127-1 – AL

Cód. do livro CL: 737707

CAE: 262128

3.^a EDIÇÃO

5.^a impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *Much ado about nothing*,
em *The complete works of William Shakespeare*.
Garden City/New York: Doubleday, 1968.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chianca, Leonardo

Muito barulho por nada / William Shakespeare;
adaptação em português de Leonardo Chianca. – São
Paulo: Scipione, 2000. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Shakespeare, William,
1564-1616. II. Título. III. Série.

0-2087

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>Quem foi William Shakespeare.</i>	4
1. O mensageiro do rei	8
2. Dom Pedro é recebido pelo governador de Messina	11
3. A paixão de Cláudio por Hero.	15
4. O revoltado Dom João.	20
5. O baile de máscaras	24
6. Benedito escuta o que não quer	27
7. Cláudio desiste de Hero.	30
8. Dom Pedro propõe-se um trabalho de Hércules.	34
9. O plano de Boráquio	39
10. Benedito cai na rede	42
11. Pela lente do amor.	50
12. Uma doce isca para Beatriz	52
13. O convite do ardiloso Dom João.	57
14. Dogberry e Verges comandam a ronda noturna.	62
15. Conrado e Boráquio viram prisioneiros	65
16. Uma noiva feliz	68
17. Dogberry e Verges procuram o governador	72
18. Surpresa no altar	75
19. Frei Francisco aponta uma solução	81
20. Beatriz exige de Benedito uma prova de amor	86
21. O interrogatório.	89
22. Cláudio é noticiado da morte de Hero	93
23. Benedito desafia Cláudio para um duelo	96
24. A confissão de Boráquio	100
25. Beatriz e Benedito trocam farpas de amor.	105
26. Cláudio presta homenagem a Hero.	108
27. Surpresa feliz	111
<i>Quem é Leonardo Chianca?</i>	120

QUEM FOI WILLIAM SHAKESPEARE?

Nascido em 1564, em Stratford-upon-Avon, Inglaterra, muito cedo Shakespeare aprendeu, além da língua materna, o grego e o latim, fundamentais na sua época para a leitura de livros, a sua grande paixão. Decifrou a Bíblia ainda criança, assim como leu, com avidez, poemas, novelas e crônicas históricas, de diversos lugares da Europa.

Quando tinha 12 anos, seu pai, o velho John de Stratford, até então abastado e poderoso, viu-se em sérias dificuldades econômicas, obrigando seu jovem filho a trabalhar num abatedouro de animais, onde tinha como tarefas... esquartejar bois e abater carneiros!

Aos 18 anos, porém, a situação do garoto William modificou-se bastante: ele se casou com a filha de um rico agricultor. Com Anne Hathaway teve três filhos, duas meninas e um menino, de nome Hamnet, que morreu precocemente aos 11 anos de idade (bastaria trocar uma letra do nome para formar Hamlet!).

Em 1587, aos 23 anos, Shakespeare partiu sozinho para Londres, não se sabe ao certo por que motivo. Sabe-se, contudo, que daí em diante sua trajetória pessoal ganharia novos rumos. Confiante em seu propósito de entrar para uma companhia teatral, foi trabalhar como guardador de cavalos defronte ao primeiro teatro londrino. De tanto insistir com o proprietário do estabelecimento, acabou conseguindo seu primeiro papel como ator. Pouco tempo depois, passou a adaptar textos alheios para o teatro. Com talento e um pouco de sorte, logo Shakespeare apresentou suas primeiras peças, levando, em 1591, *Henrique VI* aos palcos da capital inglesa.

Até 1600 Shakespeare escreveu alguns dramas históricos e comédias, sendo *Romeu e Julieta* a única tragédia desse período. Em seguida, adveio a chamada "fase sombria"; após alguns infortúnios pessoais (como a morte do pai, por exemplo), escreveu as suas maiores obras, grandes tragédias como *Hamlet*, *Otelo*, *Rei Lear* e *Macbeth*. Ao final de sua vida, voltou a Stratford-upon-Avon, onde faleceu, em 1616, aos 52 anos de idade.

A Inglaterra renascentista é intensamente retratada em sua obra, mesmo nas peças em que a trama se desenvolve em outras terras, como em *Romeu e Julieta* (Verona), *Muito barulho por nada* (Messina), *Otelo, o mouro de Veneza*, *Sonho de uma noite de verão* (Atenas) e *Hamlet, o príncipe da Dinamarca*.

Foi numa Inglaterra em franca transição (fim da Idade Média e fortalecimento da monarquia) e expansão (territorial, econômica) que Shakespeare viveu. Sua obra retrata a paisagem humana de seu tempo, um mundo de cortesãos, de intrigantes e de ambiciosos, de traficantes e de hipócritas, de aventureiros e de traidores, de fanfarrões e de covardes, de fidalgos corruptos e de burgueses gananciosos. Esses personagens ganham vida em sofisticadas tramas, por meio das quais o espectador-leitor desfruta, divertindo-se ou angustiando-se, as suas lutas, suas intrigas, suas alegrias e seus sofrimentos, seus esplendores e suas misérias.



OCEANO ATLANTICO

EUROPA

Normandia

FRANÇA

Florença

ITÁLIA

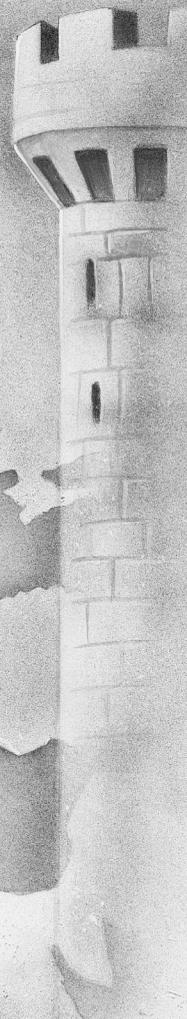
Messina

SICÍLIA

MAR

MEDITERRÂNEO

ÁFRICA



O mensageiro do rei

— **D**om Pedro de Aragão chega esta noite a Messina! — anuncia o governador Leonato, eufórico, assim que começa a ler a carta recém-chegada.

— Já estava muito próximo quando o deixei, senhor. Creio que chegará antes do anoitecer — informa o mensageiro, ainda segurando as rédeas de seu cavalo.

— A carta não diz quantos homens o príncipe perdeu em batalha...

— Muito poucos, senhor. E nenhum de renome, posso lhe assegurar.

— Excelente. A vitória vale por duas quando o vencedor volta com seu contingente completo! Bem, pelo que diz aqui, Dom Pedro concedeu grandes distinções a um jovem florentino...

— É o nobre Cláudio, senhor, de uma ilustre família de Florença... E as honras foram justamente merecidas. Apesar da pouca idade, Cláudio superou as expectativas. Pensavam que fosse um cordeiro, mas lutou como um leão! O senhor certamente ouvirá falar de sua bravura.

— Conheço o jovem Cláudio. Quem vai ficar feliz é o tio dele, que mora aqui em Messina... — diz Leonato, sem perceber a expressão de agrado no rosto de Hero, sua única filha.

— Eu lhe entreguei uma carta — comunica o mensageiro. — O velho ficou tão feliz com as proezas do sobrinho que caiu em pranto.

— É o transbordamento da ternura! — exclama Leonato. — É muito melhor chorar de alegria do que alegrar-se com o choro...

No exuberante jardim da casa do governador Leonato, os presentes ouvem atentos as notícias sobre Dom Pedro e

seus homens. É pleno verão na Sicília. Estamos no início de julho de 1282.

Os habitantes da Sicília rebelaram-se contra os normandos, que dominavam a ilha havia dezesseis anos. Carlos d'Anjou governava com mão de ferro, usando o território apenas como ponto de partida para suas conquistas rumo ao Oriente. O movimento, que ficaria conhecido como Vésperas Sicilianas, iniciou-se no final de março, próximo de Palermo, e em poucos dias estendeu-se por toda a ilha. Messina, a cidade mais próxima do continente, sustentou um longo cerco, obrigando Carlos d'Anjou a fugir e a abrir mão da ilha após quase um mês de luta.

Os sicilianos, interessados no apoio oferecido pelo Reino de Aragão, que havia participado das batalhas pela libertação da ilha, aceitaram o príncipe Dom Pedro III como seu monarca.

Dom Pedro faz sua primeira visita a Messina após ter assumido o controle da ilha. Chega de uma batalha em que derrotou seu irmão bastardo, Dom João, que agora o acompanha.

As informações dadas pelo mensageiro a Leonato interessam a muitos. Em particular a uma mulher, Beatriz:

– Por gentileza, sabe me dizer se o senhor Montante voltou da guerra?

O mensageiro, embaraçado com a pergunta, vira-se para o governador como a pedir socorro. Não conhecia nenhum oficial que respondesse por semelhante apelido.

– De quem está falando, minha sobrinha? – quer saber Leonato.

– Com licença, meu pai – interrompe Hero. – Minha prima refere-se ao senhor Benedito de Pádua.

Após a confirmação de que Benedito regressara – e mais feliz do que nunca, segundo o mensageiro –, Beatriz passa a falar alto. Inventava uma história na qual Benedito havia afixado cartazes, por toda a cidade de Messina, desafiando Cupido para uma competição de arco e flecha, a fim de verificar quem atirava a seta a maior distância.

– O único que aceitou a disputa foi o bufão do meu tio – ela diz, apontando o governador, enquanto todos se riem de sua história. – Eu queria saber quantos homens o senhor Benedito matou e devorou nesta guerra... Digo isto porque prometi comer tudo o que ele abatesse – complementa Beatriz, com ironia.

– Creio que dá muita importância ao senhor Benedito, minha sobrinha. Mas não tenho dúvidas de que ele saberá lhe responder à altura.

– Claro, ele é bom de garfo. O comilão deve ter consumido todos os alimentos estragados que carregavam... Tem um estômago admirável!

O mensageiro se intromete para lembrá-los de que, assim como Cláudio, Benedito também prestou grandes serviços naquela guerra.

– Mas ele é um bom soldado, senhora! – contesta o mensageiro.

– Bom soldado para senhoras! Hum... mas, cara a cara com um guerreiro, como ele se comporta?

– Ora, é um guerreiro dotado de grande bravura – responde o mensageiro, tomando as dores do jovem oficial.

– Não tenho dúvida de que seja um homem de grande bravura! – conclui Beatriz, com sarcasmo.

Leonato procura suavizar a atitude da sobrinha. Pede ao mensageiro que não a leve a mal, que ela e Benedito estão sempre guerreando, uma infundável guerra de espíritos.

– É, mas ele vai se dar mal. Usa toda a sua inteligência para manter-se sobre duas patas, já que essa é a única diferença entre ele e seu cavalo!

– Vejo que este senhor não figura entre seus preferidos – observa o mensageiro, enxugando o suor do rosto.

– Claro que não! Se figurasse eu estaria louca!

O mensageiro não acredita nas barbaridades que ouve, na indelicadeza das palavras de Beatriz, no veneno que desfere contra Benedito. Ela lhe pergunta sobre algum companheiro

com quem tem andado, já que a fidelidade não é o seu forte. Após muita insistência, o mensageiro revela que nos últimos tempos costuma estar em companhia do nobre Cláudio.

Hero e Beatriz entreolham-se, a primeira feliz e a segunda preocupada:

– Ó céus! Vai agarrar-se a ele como uma praga! É mais contagioso do que a peste. E quem for contaminado em pouco tempo enlouquece... Deus proteja o nobre Cláudio! Se a praga Benedito o contaminou, gastará tudo o que tem para curar-se!

– Quero morrer seu amigo, senhora! – conclui o exausto mensageiro.

– Pois assim sejamos, bom amigo – ela diz, estendendo a mão para firmar sua boa vontade.

– Essa aí nunca vai perder o juízo... – diz o governador em tom paternal.

– Nunca mesmo! A não ser que caia neve no verão! – brinca Beatriz.

– Você não me deixou completar a frase, sobrinha. Não vai perder o juízo porque já o perdeu há tempos! – ele completa, para o riso de todos.

– Olhem lá... – grita o mensageiro. – Dom Pedro vem chegando!!

2

Dom Pedro é recebido pelo governador de Messina

Acompanhado por seus mais nobres e destacados oficiais, entre os quais Cláudio e Benedito, Dom Pedro chega a

Messina. Ao ser recebido no salão nobre da casa do governador, o monarca faz questão de mostrar-se respeitoso, porém informal, revelando seu espírito amistoso e decidido.

– Leonato, meu bom senhor, eu e meus homens viemos complicar seu orçamento...

– A presença de Vossa Alteza jamais será um incômodo para nós, Dom Pedro. Seja bem-vindo a Messina, senhor – congratula Leonato, abraçando o príncipe dos reinos de Aragão e Sicília.

O clima é de satisfação. Todos os presentes – familiares do governador, criados da casa e diversas autoridades de Messina – recebem Dom Pedro e seus homens com prazer. Um rosto sobressai em meio às mulheres: o da amável Hero. Correspondendo ao sorriso do especialíssimo convidado, ela ouve do visitante:

– Esta encantadora donzela é sua filha, Leonato?

– É o que a mãe dela sempre me disse – brinca o anfitrião, viúvo.

– Com licença, senhor – intervém Benedito, em tom bastante sério. – Por acaso tinha alguma dúvida, para ter perguntado?

O constrangimento toma conta do ambiente, tanto entre os companheiros de Benedito como entre as pessoas próximas ao governador. Hero leva as mãos ao rosto, envergonhada. Beatriz sorri, seduzida pela tirada bem-humorada de seu rival, mas, ao mesmo tempo, procurando desprezá-lo. Leonato, entrando no espírito da provocação, retruca:

– Não, *signiore* Benedito de Pádua, nunca tive dúvidas a esse respeito, afinal o senhor era apenas uma criança quando minha Hero foi concebida.

Gargalhada geral. Dom Pedro aplaude a resposta do governador:

– O governador o pegou em cheio, meu caro Benedito! A réplica veio na medida certa do quanto você vale, agora que é um homem feito... – E, voltando-se para Leonato e sua filha: – Não pode haver a menor dúvida: tal pai, tal filha! Desejo-lhe